



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
BACHARELADO EM FILOSOFIA

Filosofia Social e Política,  
**Poder em Marx e Foucault**

Canoi Gomes de Aguiar

NATAL - RN

Julho de 2025

# Introdução

Marx e Foucault, dois pensadores que embora separados por um século de diferença e distintos horizontes teóricos, compartilham uma preocupação central: desvendar as mecânicas de poder que estão presentes na vida em sociedade. Se para Marx o poder se manifesta principalmente através da exploração econômica e da luta de classes, Foucault o entende como uma rede difusa que permeia todas as relações sociais, desde as instituições até os discursos cotidianos.

A ideia deste trabalho é explorar as diferenças entre os pensamentos dos dois autores no que tange: (1) a concepção do poder, (2) a perspectiva histórica, (3) a caracterização da sociedade, e (4) os estatutos de revolução e resistência. Apesar de suas divergências, ambos oferecem ferramentas cruciais para criticarmos as formas de dominação que nos rodeiam.

## 1 Da Concepção de Poder

Se tem um elemento central que aproxima o pensamento de Marx e Foucault, podemos dizer que este é a questão do *poder*, e como essa força opera em torno das relações sociais. Porém ambos divergem no que diz respeito da natureza desse poder.

A análise de Marx vai mais em cima do poder no que tange as *relações de produção* dentro da sociedade, que acaba sendo sintetizada na disputa de classes antagônicas, dentro do capitalismo seria o conflito burguesia x proletariado, onde esse conflito vai ser generalizado para uma relação entre dominantes e dominados nas mais diferentes sociedades, refletido também nos modos de produção. Em todas as sociedades, a forma de organização se dá em cima dessa dinâmica, sempre há um grupo dominante e um dominado. Seja na oposição senhor/escravo (escravismo), nobreza/servo (feudalismo), e mais recentemente, burguês/proletário (capitalismo).

Foucault, por outro lado, também consegue enxergar essa dinâmica da disputa constante pelo poder, porém não somente nesse conflito binário entre classes econômicas, mas sim que o poder está distribuído pela sociedade como uma teia que se espalha das mais diversas maneiras. Em uma mesma sociedade, podemos encontrar disputas de poder operando em relações de gênero, de raça, no exercício da medicina, das estruturas disciplinares, no núcleo familiar. Em Foucault, o poder é multifacetado e é uma necessidade intrínseca, a relação de poder descrita por Marx é somente uma das muitas. O objetivo do poder é exatamente perpetuar e propagar, sendo o objetivo final o controle absoluto.

## **2 Da Perspectiva da Continuidade e Descontinuidade Histórica**

Em Marx, a perspectiva histórica é pensada em cima de uma releitura da dialética hegeliana, a tornando uma dialética materialista, exatamente por rejeitar esse idealismo hegeliano de tentar levar a dialética a uma condição de explicação de toda a realidade e da história como um movimento do Espírito. Ao se distanciar desse idealismo, ele se firma no materialismo e passa a enxergar as relações sociais como relações materiais entre os homens, e aí sim a partir disso, aplica a lógica de *tese*, *antítese* e *síntese* dentro dessa perspectiva de relações materiais históricas. A tese e a antítese sendo exatamente esse conflito entre classes opostas, e a síntese, que é o que resulta desse processo, se dá na *revolução*. Esse modo de utilizar a dialética para analisar as condições materiais das sociedades, no que tange suas relações sociais e de produção, se chama *materialismo histórico dialético*.

Então em Marx temos uma perspectiva de continuidade da história, onde por mais que mude a forma, em todas as sociedades teremos essas relações de dominantes e dominados dentro da estrutura social. Há também uma estrutura teleológica, em que caminhamos para uma síntese final, com a emancipação do proletariado e dos conflitos de classe.

Já em Foucault há uma rejeição dessa perspectiva de continuidade histórica, ele critica a ideia de uma história linear. Ele argumenta que a história é marcada por rupturas e descontinuidades. Ele está bem mais preocupado em entender a genealogia do poder, percebendo exatamente que nessas rupturas na história, a forma como se exerce o poder também muda com o tempo. Aqui em Foucault, exatamente por haver uma centralização do poder, não há também uma lógica única de poder, é algo mutável e que portanto não é algo que pode ser necessariamente generalizado para todas as formas de sociedades da história.

## **3 Da Caracterização da Sociedade**

Em Marx, o principal elemento que caracteriza as sociedades são as suas *relações de produção*, ou seja, da forma que a sociedade organiza o trabalho e a produção material de seus indivíduos. Essas relações de produção é que irão ditar como as outras estruturas estatais irão funcionar, das instituições jurídicas, políticas, culturais, familiar, e por aí vai. Disso se tira exatamente que, em uma sociedade capitalista, onde o foco é na produção de mercadorias para

acumulação de capital, todas as relações sociais irão girar em torno disso. Para além desse fator, Marx também identifica um fator de exploração dentro do capitalismo, onde a mais-valia da classe proletária é extraída pela burguesia, exatamente por ser ela quem detém os meios de produção, enquanto os trabalhadores só detém sua própria força de trabalho.

Em Foucault, o poder está totalmente espalhado pela sociedade e pode existir em diferentes âmbitos, como dentro de instituições como escolas, hospitais, presídios, mas também em práticas cotidianas dos próprios indivíduos. Então diferente do que aparece em Marx, a sociedade não pode se reduzir às suas relações de produção. O que ele vai enxergar é exatamente as estruturas de poder que cercam os indivíduos nos mais diferentes âmbitos, identificando as diferentes formas de exercer o poder, com a *sociedade disciplinar*, ou da *biopolítica*. Na sociedade disciplinar temos exatamente a *norma* imperando, não é necessariamente uma lei escrita, mas simplesmente convenções sociais para organização, a própria sociedade se autogere. Na biopolítica, temos o controle da própria vida dos indivíduos por parte do macropoder, de decidir sobre que grupo vive e que grupo morre. Aqui entra o conceito de *população* exatamente para fazer essa distinção e controle, “população vulnerável”, “população LGBT”. Foucault também fala do *poder soberano*, que seria representado por uma figura com um poder mais absoluto, um rei em uma sociedade monárquica, por exemplo.

## 4 Dos Estatutos de Revolução e Resistência

Em Marx, a revolução seria exatamente o processo de *síntese* resultante do choque entre classes antagônicas (tese e antítese), uma vez que as contradições dentro da sociedade se tornam inconciliáveis. A revolução se dá no sentido de uma mudança dentro da sociedade, da forma da organização social e do modo de produção, a revolução é dada em termos da classe dominada derrubando a classe dominante. Nesse sentido, a revolução pode ser ou não emancipatória para todas as classes. No caso da revolução francesa, somente a burguesia que se emancipa da monarquia, o proletariado permanece como uma classe dominada, exatamente por isso que Marx prevê a queda da burguesia pelas mãos da classe trabalhadora, quase como em um movimento teleológico da história.

Já em Foucault, não há bem um conceito de revolução, pelo menos não nos moldes marxistas. Em vez disso, ele fala em *resistência*, que não se dá bem nessa questão do conflito de classes, como o poder em Foucault é mais espalhado, ele vai falar também dessas resistências

“individuais” nesses diversos âmbitos de poder. Se em Marx a revolução já é a própria síntese, ou seja, não é ela que gera a mudança, é somente a manifestação da própria mudança do resultado do conflito entre tese e antítese. Em Foucault, a resistência sim é um produto que pode gerar a mudança, que pode mudar essas múltiplas relações de poder. Aqui Foucault não está fazendo juízo de valor, a resistência como agente de mudança pode levar para um caminho negativo, o que ele está preocupado é em descrever o fenômeno, em como isso se dá nas relações sociais.

## **Conclusão**

Marx é um pensador fundamental para se entender o capitalismo, seu pensamento segue sendo atual mesmo após 100 anos de seu falecimento, e assim como o capitalismo evolui no decorrer desse tempo, mudando sua forma, o pensamento marxista também evolui sob égide de novos pensadores como Lukacs, Lenin, Trotsky, entre outros, que vão exatamente trazer a ótica marxista dentro dessas novas formas assumidas pelo sistema. Porém aqui não se limita ao capitalismo, outros autores surgem trazendo novas perspectivas de se enxergar as relações sociais, como é o caso de Foucault que traz uma reflexão sobre como o poder se dá nos mais diferentes âmbitos da sociedade, e como é utilizada como uma ferramenta de controle. Para mim são pensamentos que se complementam, Marx percebe uma das macro estruturas de controle dentro da sociedade, que é exatamente o poder exercido pela classe dominante usando o aparato estatal. O que Foucault traz é exatamente essa perspectiva de que não é possível pensar em emancipação se também não observarmos essas estruturas de micropoder, das contradições referentes a conflitos de raça, gênero, entre outros.